



POR QUE OS ECONOMISTAS ERRAM TANTO?

Por André Lahóz
(editor e economista)
Revista EXAME
08-abr-98, p. 104

Eles são as grandes estrelas da bilionária indústria de previsões. Mas atenção: se você quer saber sobre o futuro, talvez o mais eficaz seja jogar a moeda para o alto.

Os economistas são os grandes astros do mercado das previsões. Pena que o futuro insista em não corresponder. Quer um conselho? Entre ouvi-los ou tirar cara ou coroa na hora de decidir, fique com a velha moedinha .

- "As contradições do capitalismo levam inexoravelmente à substituição desse sistema pelo socialismo."

- "O Japão vai suplantar os Estados Unidos na briga pela supremacia econômica ainda neste século."
- "O real sofrerá um ataque especulativo em três semanas."

Aparentemente, as três frases acima não têm muita coisa em comum, não é mesmo? Engano seu. Em pelo menos três coisas essas frases estão interligadas.

Em primeiro lugar, são previsões do futuro (melhor dizendo, foram previsões do futuro). Em segundo lugar, foram proferidas por economistas. E, por fim, são previsões que deram errado. São apenas exemplos dentro de inúmeros outros que também responderiam a esses pré-requisitos, mas servem para demonstrar uma evidente realidade: os economistas erram muito. Muito mesmo. E parece que não se cansam de errar, pois as tentativas (frustradas) de prever o futuro não param. A cada dia, somos bombardeados por previsões econômicas de todos os tipos, nos jornais, nas revistas, na televisão, nos relatórios de empresas e nas livrarias.

A imensa maioria dessas previsões econômicas não resiste ao tempo. A revista britânica *The Economist* publicou em 1995 os resultados de uma pesquisa que ilustram bem esse fato. Dez anos antes, em 1985, a revista pediu a vários grupos de pessoas projeções para a economia britânica da década seguinte. O grupo que mais acertou em suas previsões não foi o de economistas. Tampouco os administradores acertaram. O primeiro lugar foi um empate entre quatro presidentes de multinacionais e um grupo de lixeiros. É isso mesmo: Lixeiros.

A conclusão é clara: feitas as contas e descontado o discurso mais elegante ou elaborado, os economistas acertam tanto quanto alguém que jogue uma moeda para cima. Como diz ironicamente Paul Samuelson, prêmio Nobel de Economia, "Os analistas do mercado previram nove das duas últimas recessões". A crise nos mercados financeiros da Ásia, por exemplo, que afetou as economias do mundo inteiro, pegou os economistas totalmente de surpresa. A imensa maioria deles recomendava investimentos nos Tigres Asiáticos até minutos antes do crash.

Considere ainda as três frases acima. Das três previsões, uma já pode ser desconsiderada: o prazo de três semanas para o ataque especulativo contra o real já acabou, uma vez que a frase foi dita em 10 de janeiro pelo economista Albert Fishlow. No caso da briga das duas maiores economias do mundo, teria que acontecer o impossível para que o Japão vencesse a distância de quase 4 trilhões de dólares que separa um PIB do outro.

Quanto à vitória do socialismo, seu autor teve a prudência de não definir uma data para que isso ocorresse. Assim, sempre haverá quem diga que a previsão não deu errado, apenas ainda não houve tempo para que o capitalismo seja enfim derrotado. Afinal, di-rão, não dá para saber o que vem pela frente, pois ninguém conhece o futuro.

Pois bem, talvez essas pessoas errem ao achar que o socialismo virá, mas acertam em cheio ao dizer que ninguém conhece o futuro. Mas todos gostariam que esse desconhecimento fosse menor. Em primeiro lugar, existe o temor do futuro. Há o medo do desemprego, o medo da volta da inflação ou o medo da morte. Mais informações sobre o futuro podem ajudar a diminuir essas ansiedades. Segundo, conhecer o futuro pode ser muito vantajoso financeiramente. Se desse para saber ao certo qual será o preço

das ações no final do ano, seria a coisa mais fácil do mundo ficar rico. Além disso, quem conhece o futuro toma as decisões da maneira mais perfeita possível. Por exemplo, se alguém me garantir que eu tenho só mais dois meses de vida, certamente esta seria a minha última reportagem nesta revista.

NOSTRADAMUS -- Tentar buscar mais conhecimento sobre o futuro, aliás, tem sido uma conduta constante na História. Há registros de 5.000 anos atrás que mostram que as projeções sobre o futuro abundavam no mundo antigo. Por exemplo, entranhas de animais supostamente traziam informações valiosas para quem se dispusesse a pagar por elas. Talvez o caso mais bem-sucedido de toda a história das previsões seja o *O-ráculo de Delfos*, na Grécia antiga. Suas profecias começaram em cerca de 700 a.C. e duraram até cerca de 300 d.C. -- nada menos que 1.000 anos de previsões.

A prática de prever o futuro é tão antiga que foi chamada de "a segunda profissão mais velha da História" por William Sherden, um consultor internacional e autor do livro *Os Mercadores da Sorte -- O Grande Negócio de Vender e Comprar Previsões*, ainda inédito no Brasil. Extremamente interessante, o livro trata de vários grupos de profissionais das previsões: meteorologistas, economistas, futurólogos, gurus de mercado e demógrafos. E fornece inúmeros exemplos de furos incríveis em previsões, parte dos quais ilustra esta reportagem.

Como se vê, há muita gente disposta a pagar para saber o futuro. Isso é válido em qualquer atividade humana -- desde o campo amoroso até o da saúde. Mas, quando o problema bate no bolso -- ou seja, nas questões econômicas --, aí é que há mais gente (e mais empresas) disposta a pagar por uma boa previsão.

Se há uma enorme demanda por essas previsões, também não falta oferta. Sempre há alguém disposto a saciar a sede de informações de tanta gente. Uma classe composta de muitos profissionais da adivinhação: astrólogos, cartomantes, videntes... e economistas? Sim, economistas. A maioria deles faz parte desse imenso mercado de previsões sobre o futuro, um mercado avaliado em 200 bilhões de dólares só nos Estados Unidos. Quanto vai crescer o PIB? Qual moeda vai resistir ao furacão asiático? Quais são os setores da economia que despontarão como os mais pujantes no próximo milênio? Faça qualquer uma dessas perguntas e você encontrará um batalhão de economistas dispostos a responder convictamente -- mediante uma quantia, é claro.

Esse mercado enorme ajuda a entender por que os economistas erram tanto. Uma primeira explicação é quantitativa: erram muito porque fazem muitas previsões. Como tentar prever o futuro dá muito dinheiro, os economistas opinam quase que diariamente sobre os assuntos em pauta. Ora, quem arrisca muito erra muito. Por exemplo, se você tiver que dizer o resultado de todos os jogos da Copa do Mundo, é certo que haverá muitos erros em suas previsões.

É claro que não é interessante que todos saibam que as suas previsões não se realizaram. Por isso, parte do trabalho de um bom economista é lembrar a todos de seus acertos e fazê-los esquecer de seus erros. Um bom relacionamento com a imprensa certamente é importante para esse economista. Além disso, há outros truques. Por exemplo, sempre que possível, seja vago. Diga algo como "Há uma grande probabilidade de que os setores ligados às novas tecnologias apresentem um comportamento po-

sitivo nas bolsas nos próximos meses". É muito difícil que você não ache algum exemplo para provar que você estava certo.

É claro que, em algum momento, o economista terá que dar respostas objetivas. Por exemplo, para quanto vão cair os juros na próxima reunião do Conselho de Política Monetária? Bem, se for inevitável, faça a melhor análise que conseguir, ouça os seus concorrentes e arrisque. Caso você erre, é sempre um consolo saber que em alguns meses ninguém se lembrará disso. E saber que os demais economistas muito provavelmente também estiveram errados.

Um bom exemplo de profecias vagas que ainda fascinam muitos são as de Nostradamus, o famoso astrólogo do século XVI. Nostradamus chamava-se na verdade Notredame, mas provavelmente (e acertadamente) previu que teria maior sucesso com um nome mais científico e optou por latinizá-lo. Segundo ele mesmo, suas previsões "não podem ser compreendidas até que tenham sido cumpridas". E cada um que fique livre para interpretar o que Nostradamus disse. Por exemplo, "o grande homem será abatido por um raio" significa nada menos que o assassinato do presidente americano John Kennedy. E "a raposa será eleita sem palavras" é a previsão da ascensão de Robespierre na França no século XVIII. Só não vê quem não quer.

Mais recentemente, o americano Iben Browning ficou famoso por sua capacidade de prever terremotos e erupções. Em 1989, ele disse que no dia 16 de outubro daquele ano um terremoto iria acontecer ou um vulcão entraria em erupção. Ele admitia, no máximo, dois dias de margem de erro. Exatamente no dia 17 de outubro, um terremoto forte atingiu São Francisco, nos Estados Unidos. Daí em diante, passou a ser considerado uma autoridade em terremotos. O que não se disse é que Browning nunca afirmou onde o terremoto iria ocorrer. Ora, sempre há algum fenômeno desse tipo em alguma parte do globo. Para sua sorte, daquela vez aconteceu exatamente nos Estados Unidos.

O próprio Browning passou a acreditar em suas previsões e decidiu se tornar mais específico. Segundo ele, em 3 de dezembro de 1990 um terremoto devastador atingiria a cidade americana de Nova Madri, no estado do Missouri. A profecia causou grande pânico, mas surpreendentemente não se realizou.

A grande quantidade de previsões explica parte dos erros dos economistas, mas isso não conta toda a história. Para além das questões quantitativas, há um motivo qualitativo. O mundo é complexo. As sociedades são complexas. O homem é complexo. O que vale hoje pode não ser verdade amanhã. É muito difícil, se não impossível, querer traduzir um mundo tão complexo em poucas equações que permitam projeções. Ou seja, não é que os economistas sejam menos inteligentes do que os lixeiros. Apenas tentam fazer algo que talvez não seja possível. Nas palavras do economista americano Paul Krugman, do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), "A economia é mais difícil que a física. Felizmente, não é tão difícil quanto a sociologia". A Física fala de um mundo que, em boa medida, pode ser descrito por equações. O mesmo ocorre em diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, há muito tempo se conhece o comportamento de cometas. É possível saber com exatidão quando o cometa Halley voltará a ficar visível da Terra.

MURO DE BERLIM -- É possível saber o comportamento de cometas e planetas, mas ninguém conseguiu prever com exatidão a queda dos regimes comunistas no final da década de 80. Quantas pessoas depararam diariamente com quilos de informações sobre esses países? E ninguém foi capaz de antecipar as mudanças.

Por quê? Por um motivo simples: o homem. Por mais que se tente dar ares de ciência exata à economia, ela permanecerá presa a uma verdade inescapável: os economistas tratam, acima de tudo, do comportamento humano. São pessoas, e não cometas, que se encontram diariamente para trabalhar, comprar ou vender bens. São pessoas que se juntam para votar neste ou naquele governante. São pessoas que vão considerar uma inovação tecnológica extremamente interessante e vão ignorar outras. São pessoas que comandam as empresas, que, portanto, estão sujeitas a erros de avaliação. Os homens não têm um comportamento definido. Suas reações mudam com o tempo. É por isso mesmo que a história não se repete.

Os próprios atores principais de eventos da História são pegos de surpresa. Como diz o autor William Sherden, "a Revolução Francesa foi totalmente inesperada, Vladimir Lenin pensava que ele jamais viveria para ver a Revolução Russa, e apenas semanas antes de sua volta ao Irã, em 1979, o aiatolá Khomeini duvidava que o regime do xá Pahlevi fosse cair".

Além disso, há muito de irracional no comportamento do homem. Há um clássico exemplo disso: o caso das tulipas na Holanda. As tulipas foram levadas da Ásia para a Europa no século XVI e se tornaram uma febre na Holanda. O preço das mudas de flores começou a subir alucinadamente, a ponto de muitos proprietários venderem suas fazendas para poder comprar algumas poucas mudas. A bolha especulativa durou um certo tempo, até que as flores passaram a valer tanto quanto uma cebola. Só que muitos proprietários estavam quebrados então. Que economista poderia prever algo semelhante?

Uma outra explicação para os erros nas previsões é dada pelo economista Owen Lamont, da Universidade de Chicago. Segundo um estudo de Lamont, as pessoas que fazem previsões chegam a resultados diferentes dependendo do estágio em que se encontram em suas carreiras. Os economistas mais novos tendem a ser mais conservadores em suas previsões. Conforme o economista avança na carreira, suas previsões ficam propensas a se tornar mais radicais e, portanto, mais passíveis de erro.

Por exemplo, imagine que a maioria dos economistas do Brasil ache que o PIB vá crescer 1% em 1998. O que Lamont sugere é que é interessante para um economista já com uma carreira razoavelmente consolidada fugir dessa média, dizendo que a economia vai crescer 3% ou então que vai cair 1,5%, por exemplo. É muito possível que ele erre, mas, se por acaso acertar, ele vai ser o único (ou um dos únicos) a fazer isso. Portanto, os economistas manipulam os dados para chegar a resultados diferentes dependendo do que esteja buscando em suas vidas. Um golpe forte para quem acredita em previsões.

Mesmo para aqueles economistas mais sérios, há muito mais do que uma fria seqüência de equações matemáticas na hora de realizar as previsões. É preciso, em primeiro lugar, construir algumas premissas básicas que os economistas usam para fazer seus cenários.

ERA DOS CASULOS -- Por exemplo, a guru dos negócios Faith Popcorn, chamada de "A Nostradamus do marketing" pela revista Fortune, descreveu vários comportamentos humanos para o futuro. Em seu livro *O Relatório Popcorn*, ela diz que os homens vão cada vez mais se fechar em suas casas "enquanto o mundo lá fora se torna mais duro e apavorante".

O problema é que essas premissas são, na maioria das vezes, simples intuição. Tomemos o exemplo acima. Passados seis anos desde que *O Relatório Popcorn* foi lançado, não há nenhum sinal de que as pessoas estejam se fechando em suas casas. Afinal, o trânsito nas cidades segue insuportável, os restaurantes continuam faturando muito, há filas em cinemas ou teatros e os pacotes turísticos vendem como nunca. É sempre possível dizer que a era dos casulos ainda está por vir.

Mas talvez seja mais simples admitir que Popcorn estivesse errada. E quem se baseou nessa premissa para tomar suas decisões certamente errou. Por exemplo, se o dono de um bom restaurante resolvesse vender o seu negócio porque lera o livro de "uma das mulheres mais entrevistadas do planeta", como a chamou a revista *Newsweek*, certamente deveria estar arrependido. É claro que Popcorn jamais admitirá seu erro. "Acho que eu teria ainda mais crédito se tivesse errado pelo menos uma vez", declarou em uma entrevista. Seus erros são muitos, como a previsão de que os ônibus passarão a ser dirigidos por andróides. Mas não a impedem de seguir vendendo novas projeções.

Popcorn certamente não está sozinha em suas previsões furadas. Leia, por exemplo, o trecho extraído do livro *A Terceira Onda*, de Alvin Toffler: "A humanidade se depara com a mais profunda convulsão social e reestruturação criativa de todos os tempos. Esse é o significado da terceira onda, que vai se completar em algumas poucas décadas. Dilacerando as famílias, afetando a economia, paralisando o sistema político e esmagando nossos valores, a terceira onda afetará a todos e fornece o pano de fundo sobre o qual a luta pelo poder se dará no amanhã". A terceira onda teria começado em meados da década de 50 e deve se completar em alguns anos. Alguém viu algo parecido com isso nesse período?

Há um outro problema. É claro que não são todos os que se arriscam a fazer previsões que erram tão feio. Os menos pretensiosos (e provavelmente menos ricos) não tentam imaginar como será o mundo daqui a 20 ou 30 anos, mas se contentam em dizer qual será o resultado da balança comercial em 1998, por exemplo. (A propósito, a balança comercial brasileira representou um dos maiores fiascos para os economistas em 1997. As previsões iniciais eram de um déficit na balança de 18 bilhões de dólares. O resultado foi um déficit de 8,5 bilhões de dólares.) Mas esses economistas trabalham com números -- são a sua ferramenta de trabalho.

O problema todo é que os números simplesmente não são confiáveis. Principalmente no Brasil. As estatísticas oficiais, salvo raríssimas exceções, são precárias. E abundam metodologias diferentes para dados semelhantes. Exemplos? O IBGE, o órgão oficial de estatística brasileiro, divulga dois levantamentos sobre produção industrial. Só que os dois números do próprio IBGE não coincidem. Há outros casos. No ano passado o governo corrigiu os dados da balança comercial em nada menos que 1 bilhão de dólares.

Mesmo que existissem dados melhores, isso não resolveria a vida dos economistas. Por exemplo, as estatísticas americanas são boas, mas os americanos não estão livres do fiasco nas previsões. Uma das explicações para isso são os momentos de mudança. As projeções basicamente aceitam que o mundo continuará mais ou menos como é hoje. Portanto, os momentos de crise não são nunca captados, pois são desvios em relação ao padrão anterior.

CLUBE DE ROMA -- Há um exemplo clássico disso. No final da década de 60, um grupo dos mais brilhantes estudiosos de diversas áreas se juntou para discutir o futuro. Tratava-se do *Clube de Roma*. Considerando o ambiente da época, chegaram à conclusão de que o mundo estava caminhando rapidamente para a escassez de matérias-primas. Essa escassez faria o preço desses produtos disparar, o que causaria um enorme estrago para a economia mundial. Resumidamente, o que se via eram anos duros pela frente. Passados cerca de 30 anos, ainda há matérias-primas e crescimento econômico de sobra para soterrar previsões catastrofistas.

Como é possível que tantas cabeças boas possam ter errado tão feio? Ora, esses especialistas fizeram o que podiam com os números que tinham. O mundo teve um crescimento econômico espantoso no pós-guerra. Com isso, cresceu o consumo de matérias-primas, como petróleo e minérios. A produção dessas matérias-primas, à época, crescia de maneira muito mais lenta. A conclusão era óbvia: vai faltar combustível, minérios e madeira a curto prazo.

O problema é que o mundo está sempre em mudança. As projeções faziam sentido nos anos 60, mas de lá para cá a situação mudou. A produção mundial de petróleo aumentou enormemente. Com as novas tecnologias, cada máquina gasta menos combustível. A produção de minério também cresceu. Em suma, não aconteceu nada do que se imaginou porque o mundo mudou -- e isso é algo que está sempre acontecendo.

Isso tudo quer dizer que as previsões estão sempre erradas? Não, obviamente isso não é verdade. Há muitas previsões corretas -- na verdade, na maioria dos grandes eventos sempre há pelo menos um analista que poderá dizer que esteve certo (se bem que, em alguns casos, os supostos acertos são bem obscuros). Por exemplo, em 1260, Roger Bacon, um monge medieval e estudioso de matemática e filosofia, previu que os homens teriam condições de produzir no futuro máquinas voadoras e carros "para serem usados sem animais e capazes de se mover de forma incrivelmente rápida".

Dois séculos mais tarde, Leonardo da Vinci desenhou o esboço de um helicóptero. Bem mais recentemente, na crise de 1929, o financista Charles Merrill, fundador da corretora *Merrill Lynch*, enviou uma carta aos seus clientes, em 31 de março de 1928, em que dizia: "Agora é o momento de liquidar dívidas. Venda valores mobiliários suficientes para aliviar suas obrigações ou pagá-las inteiramente. Deve-se aproveitar a atual alta dos preços para pôr a casa em ordem". É um caso em que seu conselho certamente valeu o preço pago.

Ainda mais recentemente, há outros exemplos. O economista Paul Krugman viu sua fama disparar ao escrever que a fase de crescimento rápido da Ásia poderia estar terminando. No fim do ano passado, veio a crise nos mercados asiáticos. Outro economista, Rudiger Dornbusch, também do MIT, ficou famoso quando escreveu que não

estava gostando do rumo que o México estava tomando, meses antes da crise mexicana de 1994. No *crash* da bolsa americana, em 1987, a analista Elaine Garzarelli, do banco *Shearson Lehman Brothers*, se notabilizou ao anunciar um "colapso iminente" das bolsas apenas quatro dias antes da chamada *Segunda-feira Negra* (16 de outubro de 1987).

Todos esses casos são certamente exemplos de previsões que se verificaram. O problema para quem paga os economistas, como sempre, é conseguir separar a boa previsão da má. A cada dia, sempre haverá quem acredite que a bolsa vai subir e quem acredite que ela vai cair. Quem está certo? Só dá para saber depois. No meio da confusão, ouve-se de tudo -- como reconhecer justamente aquele economista que vai acertar desta vez?

Uma resposta pode ser pagar pelo conselho daquele que acertou na última vez. Pois bem, isso pode custar muito caro para você. Vamos prestar mais atenção a dois analistas já citados, Garzarelli e Dornbusch.

FIASCO -- Elaine Garzarelli acertou em cheio em 1987. Ela se valeu de um modelo com 14 indicadores econômicos mensais que apontaram o "colapso iminente" das bolsas. Sua fama disparou: a *Business Week* batizou o episódio de "o alerta do século", enquanto o jornal *USA Today* afirmou que "os anos 90 pertencem à estrategista Elaine Garzarelli". Entretanto, uma análise de suas opiniões sobre o mercado entre 1986 e 1996, feita pelo escritor William Sherden em seu livro *Os Mercadores da Sorte*, mostra um quadro muito diferente. Nesse período, Garzarelli foi muito clara sobre se a bolsa iria subir ou cair em apenas 13 ocasiões. Desse total, só esteve certa em cinco vezes, ou em 38% dos casos.

Estatisticamente, teria sido mais vantajoso jogar uma moeda para o alto para ver se o mercado iria subir ou cair do que pagar pelas opiniões da famosa analista. Além disso, o fundo mútuo por ela administrado só conseguiu estar acima da média do mercado em um ano dos seis em que ele existiu, e mesmo assim por muito pouco.

Em 1991, a média de ganhos do mercado de ações foi de 30,5%, enquanto Garzarelli conseguiu um retorno de 31,5%. Nada que compensasse o fiasco do primeiro ano de existência do fundo, em 1988 (logo após o famoso *crash*), quando teve perda de 13%, contra uma média do mercado de ganho de 17%.

Não é de estranhar que a *Lehman Brothers* tenha decidido dispensá-la em 1994. Isso não a impediu de continuar seu trabalho como analista e guru do mercado. Por exemplo, em 1996 o jornal *New York Times* publicou sua previsão de que o índice da bolsa americana poderia subir mais de 15% a curto prazo. Dois dias depois, sua previsão mudou para uma queda de até 25%.

Além de Garzarelli, o economista Rudiger Dornbusch é outro claro exemplo de alguém capaz de acertar lindamente em uma ocasião -- e errar feio em inúmeras outras. Dornbusch é um antigo conhecido do Brasil, já tendo morado no país e lecionado na *Fundação Getúlio Vargas*. Logo após o *Plano Real*, passou a ser um crítico feroz da política cambial.

Segundo ele, a sobrevalorização do real chegou a 40% e o caminho seguido pelo Brasil era insustentável. Não dá para saber se o real será ou não desvalorizado no futuro. O que dá para afirmar é que todos aqueles que confiaram na previsão de Dornbusch de que o real sucumbiria perderam muito dinheiro nos últimos anos.

É simples entender o motivo. Quando se desconfia de que uma moeda será desvalorizada, o melhor a fazer é correr para uma moeda forte. Alguém que ouvisse Dornbusch em 1995 certamente ficaria tentado a comprar dólares. Afinal, ele acertara no caso do México no ano anterior. Quem fez isso deixou de ganhar dinheiro com as taxas muito mais altas de juro no Brasil desde então. Deixou também de ganhar com a alta espetacular da bolsa de valores. Em lugar disso, teve uma remuneração ínfima paga pelos seguros-títulos do Tesouro americano. Um péssimo negócio.

Essa pessoa certamente ficou irritada com Dornbusch. Ficaria ainda mais se soubesse que o economista apoiou francamente o *Plano Collor*. Ou se soubesse que ele já decretou a morte do *Plano Cavallo*, na Argentina, inúmeras vezes. Além disso, a confiança no economista também ruiaria se acompanhasse todas as suas declarações sobre o Real. Inicialmente, ele disse que a moeda brasileira estava 40% sobrevalorizada. Alguns meses depois, a sobrevalorização era de 30%. Depois, caiu para 25% e então para 20%. Hoje, ele afirma que esse percentual é de 15%. Não dá para não ficar com a sensação de que há pouco de cálculo e muito de chute em números que variam tanto. É claro que, se o Real for desvalorizado, Dornbusch poderá dizer que sempre esteve certo.

QUESTÃO ÉTICA -- O primeiro ponto a comentar sobre tudo isso é a importância do *quando*. Não basta ao economista acertar lindamente o que vai acontecer, mas errar em dois anos na data. Em economia, muitas vezes alguns minutos separam o sucesso do fracasso.

Além disso, cabe notar que um crítico como ele pode ser muito útil a alguns Bancos ou a administradores de Fundos que estejam "vendidos" no mercado -- ou seja, querendo que a Bolsa caia. Para um Banco nessas condições, nada melhor do que um convite a um economista do peso de Dornbusch para uma palestra no Brasil. Como as palavras de Dornbusch sempre têm um impacto negativo nos mercados financeiros, fecha-se assim um círculo de interesses: o economista embolsa uma bolada pela sua palestra, o Banco ganha com suas operações no mercado, os jornais vibram com as manchetes sobre a desvalorização iminente.

Há, portanto, uma questão ética séria envolvida no mercado de previsões. Alguns economistas podem mudar o comportamento dos operadores financeiros. Suas opiniões podem levar alguém a ganhar muito dinheiro -- eles próprios aí incluídos.

Outra questão que as críticas ao Plano Real evidenciam é o caráter de segunda classe da economia brasileira. Só mesmo para um país nessas condições uma crítica de algum economista estrangeiro (de um país rico, evidentemente) causa tanto estrago. Imagine a situação contrária. Pegue um economista brasileiro -- qualquer um. Por exemplo, João Sayad, que foi ministro e que está sempre na imprensa. Imagine que Sayad afirme no jornal Folha de S.Paulo que o dólar está sobrevalorizado. Imagine agora que o New York Times destaque na primeira página: "Sayad espera desvalorização do dólar". Isso não soa um tanto absurdo? Vamos além.

Imagine agora que o presidente Bill Clinton seja obrigado a convocar uma coletiva de imprensa para atacar o "palpiteiro" Sayad, afirmando que ele não entende nada da economia americana e que deveria parar de falar sobre o que não sabe. Apesar disso, é só o que se comenta nas mesas de operação financeira de Wall Street: "Sayad acha que o dólar não dura muito tempo. Talvez seja o caso de rever nossas posições no mercado".

O absurdo da situação acima deixa claro: temos uma economia de segunda classe. Uma economia à mercê de um economista estrangeiro, que reconhecidamente tem pouca informação sobre o Brasil. A mesma coisa aconteceu em janeiro último, na reunião de Davos, na Suíça. Kenneth Courtis, economista do Deutsche Bank, um dos maiores bancos da Alemanha, afirmou nessa ocasião que o Real poderia não resistir ao agravamento da crise asiática. Foi o suficiente para ganhar as manchetes dos jornais brasileiros, levando o presidente Fernando Henrique Cardoso a sair em defesa do real. Uma situação que só pode ser descrita com uma palavra: ridícula.

Todas essas confusões em torno da moeda brasileira chamam a atenção para outro fato relativo às previsões: quanto mais catastrofistas forem, maior será sua repercussão. Maiores serão também os ganhos para quem as realiza.

Basta lembrar as opiniões econômicas na seqüência da crise asiática. Nove entre 10 analistas previram o caos, principalmente após o país perder quase 10 bilhões de dólares de reservas. Nessa época, o Brasil tinha cerca de 50 bilhões de dólares, e todas as previsões só conseguiam ver esse número baixando. Sabe o que aconteceu? Elas estão hoje acima de 65 bilhões e o governo vem adotando medidas para controlar a entrada excessiva de dinheiro.

Os livros sobre o futuro também ilustram o fascínio pelo caos. Repare nos títulos à disposição nas livrarias. Dificilmente você lerá *O Amanhã É Cor-de-Rosa* ou *Todos Serão Felizes no Ano 2000*. É muito mais fácil encontrar *A Falência da América*, *O Terremoto Econômico a Caminho*, *A Queda do Capitalismo*, *Econo-Quake*, *Armagedon Financeiro*, *A Bomba-Relógio Econômica* ou *O Grande Ajuste de Contas*. (Todos esses livros da última frase de fato existem.) Notícias sobre o desemprego e o descontrole das finanças públicas vendem muito mais do que notícias sobre o crescimento do emprego ou o ajuste fiscal.

DOENÇA DA MUDANÇA -- Tome-se o exemplo do economista Ravi Batra, autor do best-seller *A Grande Depressão de 1990*, lançado em 1987. Segundo ele, "estamos nos dirigindo para a maior depressão mundial da história, em que milhões de pessoas vão sofrer perdas financeiras catastróficas. O desastre será maior do que a crise de 1929. Ele ocorrerá em 1990 e seus efeitos se farão sentir pelo menos até 1996." Para Batra, ninguém deveria começar qualquer negócio nos anos 80 que só se pague a partir dos anos 90. Imagine a catástrofe que uma previsão desse tipo poderia causar se fosse levada a sério pelos empresários.

Esse tipo de best-seller catastrofista, aliás, não é algo novo. Em 1968, Paul Ehrlich, um professor de demografia da Stanford University, escreveu *A Bomba Populacional*. Segundo sua previsão, os anos 90 marcariam uma fase de guerras, pragas e fome generalizada, e que "não é demais esperar pelo menos 500 milhões de mortos" por essas causas. Uma guerra nuclear acabaria por tornar inabitáveis dois terços do Hemisfério

Norte. Outro famoso autor de livros best-sellers, Alvin Toffler, previu que os anos 90 seriam marcados por uma "colisão abrupta com o futuro".

Segundo Toffler, os homens se tornariam cada vez mais desorientados pela velocidade de transformação tecnológica, e isso mudaria o jeito de as pessoas encararem a vida. Trata-se da "doença da mudança", que as levaria a ter relacionamentos apenas passageiros e a sofrer estresse e desorganização. É preciso muita boa vontade para visualizar essa "doença da mudança" nos dias de hoje.

Pois bem, se os economistas são tão ruins nas previsões, cabe uma pergunta: será que ninguém se deu conta disso? Por que eles continuam fazendo tanto sucesso (e ganhando tanto dinheiro)? É possível enganar a tantos por tanto tempo?

Uma primeira explicação para a longevidade do sucesso desses profissionais é a absoluta necessidade de todos os homens de negócios de tomar decisões fundamentais diariamente. A cada dia, os concorrentes estão a postos, prontos para o ataque. Eles podem assumir várias formas: a empresa rival, um país concorrente ou um profissional que trabalha do seu lado há anos e quer o seu lugar. No capitalismo, a indecisão pode custar muito caro. É imperioso, portanto, decidir -- com todos os riscos envolvidos nisso. Não é que aqueles que consultam os economistas não estão sabendo que a chance de esse conselho estar errado é alta.

Mas o que fazer? É absolutamente necessário que tomem decisões. Quanto investir? Qual será o setor mais importante? É melhor tomar uma dívida em dólar ou em marco? Não dá para esperar até que o cenário esteja absolutamente claro para que o empresário ou administrador faça o que tem que fazer -- pois aí já será tarde demais.

Há uma outra explicação. Muitos economistas se tornam obrigatórios, mesmo que estejam constantemente chutando para fora do gol. São os economistas que conseguiram ser ouvidos por muitos empresários ou banqueiros. A opinião desses economistas é importante -- mesmo que esteja errada. É conhecendo sua opinião que você descobrirá a estratégia de seus concorrentes -- e assim se abre a possibilidade de derrotá-los.

Os economistas podem servir também de anteparo para os profissionais que devem satisfação a alguém -- a imensa maioria. No caso de uma decisão desastrada, é mais fácil poder jogar a culpa em algum consultor do que ter que decidir sozinho e ficar com o ônus inteiramente para você.

Além disso, os bons economistas vendem mais do que suas previsões. Eles vendem cenários. O cenário é uma explicação simplificada do mundo. Os cenários ajudam a traduzir dados e eventos complexos e, assim, permitem as projeções. Mas é importante notar que, se o cenário é consistente e relevante, ele tem valor mesmo se a projeção não for correta. Tome-se o caso do ano passado. A explicação de que o Brasil estava caminhando rapidamente para um déficit externo muito alto é algo importante por si só, ainda que o autor desse cenário não tenha conseguido acertar exatamente a magnitude do déficit da balança comercial.

O relato de um banqueiro levanta um outro motivo pelo qual se devem ouvir os economistas. Indagado por um jornalista sobre as previsões que acompanha, esse banqueiro

afirmou: "Há três tipos de economista aqui no Banco. O primeiro acerta bastante, mas em poucas ocasiões errou feio e perdemos muito dinheiro. O segundo tipo acerta às vezes, mas erra em muitas ocasiões. Mas há um economista que está sempre errado. Ele erra simplesmente em todas as suas previsões. Sabe qual dos três é mais importante para mim? O terceiro. Afinal, ouvi-lo é o único jeito de eu ter absoluta certeza quando os economistas dos dois primeiros grupos estão errados." Como se vê, errar pode dar dinheiro.